

FATORES DE RISCO DE ADOECIMENTO ENTRE OS ACADÊMICOS DE ENFERMAGEM DE UMA UNIVERSIDADE PÚBLICA

BIANCA DA SILVA ALCANTARA PEREIRA

ADRIANA ZILLY

MARIETA FERNANDES SANTOS

MARIA DE LOURDES ALMEIDA

REINALDO ANTONIO DA SILVA SOBRINHO

Enfermeira, graduada pela da Universidade Estadual do Oeste do Paraná.

Bióloga, Doutora em Ciências Biológicas, Docente da Universidade Estadual do Oeste do Paraná.

Enfermeira, Doutora em Enfermagem, Docente da Universidade Estadual do Oeste do Paraná.

Enfermeira, Mestre em Enfermagem, Docente da Universidade Estadual do Oeste do Paraná.

Enfermeiro, Doutor em Ciências, Docente da Universidade Estadual do Oeste do Paraná.

biancalcantara@msn.com

INTRODUÇÃO

A Lei Orgânica da Saúde nº8.080/90, afirma que existem fatores determinantes e condicionantes para o adoecimento, como a alimentação, a moradia, o saneamento básico, meio ambiente, o trabalho, a renda, o nível educacional, o transporte, o lazer e o acesso aos bens e serviços essenciais que definem a saúde (CARVALHO, SANTOS, 2002).

Segundo Bonita *et al.* (2010) algumas doenças são causadas exclusivamente por fatores genéticos, mas a maioria é resultante da interação destes com outros fatores ambientais. Neste âmbito, os mesmos autores afirmam ainda que enfermidades podem ser evitadas com a prevenção primária, quem tem o propósito de limitar a incidência de doenças por meio do controle de causas específicas e fatores de risco.

Os profissionais de enfermagem estão expostos a diversos estímulos nocivos no ambiente de trabalho, esforço físico, materiais químicos e biológicos, poluição sonoras de máquinas imprescindíveis para o paciente e que afetam diretamente a saúde do trabalhador (OLER *et al.*, 2005).

Neste contexto o estudante, assim como o profissional da área da saúde, integra um grupo com alto risco para o desenvolvimento de estresse físico e mental, pois o dia a dia agitado, a promoção do bem estar de outras pessoas impõe na rotina um alto grau de tensão. Estas combinações de tensão, cobranças pessoais e avaliações têm aspecto positivo, fazendo o acadêmico buscar se aperfeiçoar cada dia mais, mas, sem o apoio psicológico e institucional, o estudante pode extrapolar os limites da própria saúde (NASCIMENTO, 2006).

Ainda segundo Nascimento (2006) a carga horária da maioria dos cursos de graduação em saúde são altas, deveria ser incluídas, na grade curricular disciplinas com foco na aprendizagem do cuidar de si próprio – o autocuidado.

JUSTIFICATIVA

É importante identificar os inúmeros fatores de risco que os acadêmicos de Enfermagem estão expostos, desse modo, conhecendo melhor quem é este aluno e o seu estilo de vida, seria possível traçar o perfil desse grupo e tais dados poderiam ser úteis para a elaboração de estratégias de enfrentamento e prevenção de doenças e melhoria da qualidade de vida.

OBJETIVOS

Identificar e descrever fatores de risco a saúde presentes entre os acadêmicos do curso de Enfermagem Unioeste, Foz do Iguaçu, Paraná.

MATERIAIS E MÉTODOS

Foi realizado um estudo do tipo transversal entre os acadêmicos do curso de Enfermagem da Unioeste/Foz do Iguaçu, no primeiro semestre de 2012. O critério de seleção adotado era o aluno estar devidamente matriculado no curso de Enfermagem no ano letivo de 2012 e aceitar participar da pesquisa voluntariamente. Foram excluídos aqueles que, durante a entrevista, sentiram-se constrangidos e interromperam a aplicação do questionário. Os dados foram obtidos através da aplicação de um questionário semi-estruturado com 15 questões que versavam sobre adoecimento e fatores de risco, além do perfil socioeconômico. A análise dos dados coletados foi realizada a partir do Software Microsoft Excel 2010, através de tabelas e gráficos. A coleta de dados foi realizada após aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa/UNIOESTE, parecer nº 465/2011.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A população da pesquisa constituiu-se por 120 alunos, e destes 86% eram do sexo feminino, o maior número de acadêmicos (90%) estava na faixa etária de 20-24 anos de idade, e deste total, 17% tinham 20 anos de idade. Para 84% dos discentes, o estado civil predominante foi solteiro. Quanto o perfil econômico, 44% afirmaram possuir renda familiar de 3 a 5 salários mínimos e 78% não trabalham, apenas 20% auxiliam no orçamento doméstico, 64% afirmam morar com pais e irmãos.

Sobre índice de massa corpórea (IMC), 20% estava com pré-obesidade, e alarmantes 0,8% com obesidade grau 1, 1,6% com obesidade grau 2 e 1% com obesidade grau 3 (Tabela 1).

Tab. 1. Distribuição dos discentes de acordo com o índice de massa corpórea, UNIOESTE, 2012.

IMC- Índice de Massa corpórea	frequência (f)	percentual (%)
≤ 18,5 - Baixo Peso	9	7,5
18,5 a 24,9 - Peso normal	83	69
25 a 29,9 - Pré-obesidade	24	20
30 a 34,9 - Obesidade grau 1	1	0,8
35 a 39,9 - Obesidade grau 2	2	1.6
≥ 40 - Obesidade grau 3	1	1

Quando questionados sobre aspectos biológicos, observou-se que a média do peso dos entrevistados foi de 63,68 quilogramas, a média de altura foi de 1,66 metros e média do IMC foi 23, porém o IMC está próximo do limite normal para ser considerado como sobrepeso, segundo Organização Mundial da Saúde (WHO, 1995). Cercato *et al.*,(2000) esclarece que a obesidade é um fator de risco para a ocorrência de eventos cardiovasculares, especialmente doença coronariana, insuficiência cardíaca e acidente vascular cerebral, independente de outros fatores.

Paixão *et al.*, (2010) e Moraes (2000) avaliaram discentes da área da saúde, havendo maior sobrepeso entre os discentes de Enfermagem (14,63% e 16,4% dos pesquisados respectivamente), que os coloca em situação de risco para o desenvolvimento de vários agravos a saúde, talvez isso ocorra porque o almoço pode ser substituído por um lanche, além do sedentarismo apresentados por 53% (Figura 1).

Sobre as atividades físicas, 53% declaram serem sedentários (Figura 1). Oliveira (2011) também observou um índice elevado de sedentarismo (74%) o que foi inesperado, pois ocorreu justamente em uma população que se dedica a cuidar da saúde dos pacientes.

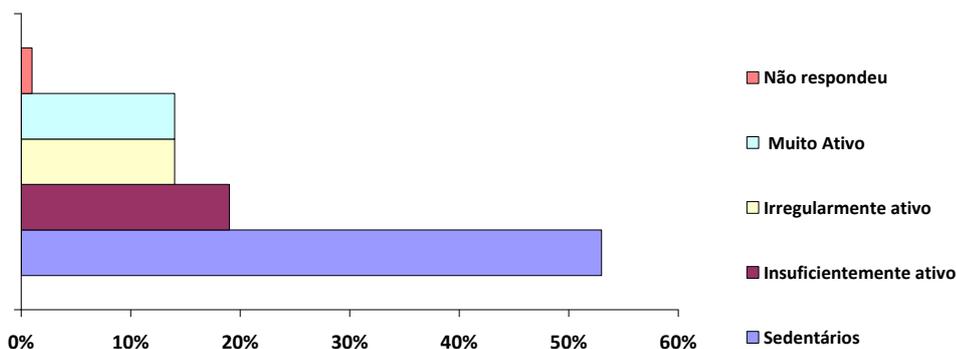


Fig. 1. Distribuição dos discentes de acordo com atividade física praticada, UNIOESTE, 2012.

Marcondelli, Costa e Schmitz (2008) atribuem estes altos níveis de sedentarismo em universitários a falta de tempo e de dinheiro. Em pesquisa na Universidade de Ciências da Saúde de Alagoas (UNCISAL), com acadêmicos de Medicina, concluiu-se que à medida que os mesmos aproximam-se do final do curso, a prevalência de sobrepeso cresce (LESSA; MONTENEGRO, 2008).

Acerca do uso de tabaco (Figura 2), 88,3% não fumam, apenas 5% fumam e 6,6% não respondeu, o que está em concordância com outros autores, onde uma frequência alta de não fumantes foi observada (BORGES *et al.*, 2004; ECHER *et al.*, 2011).

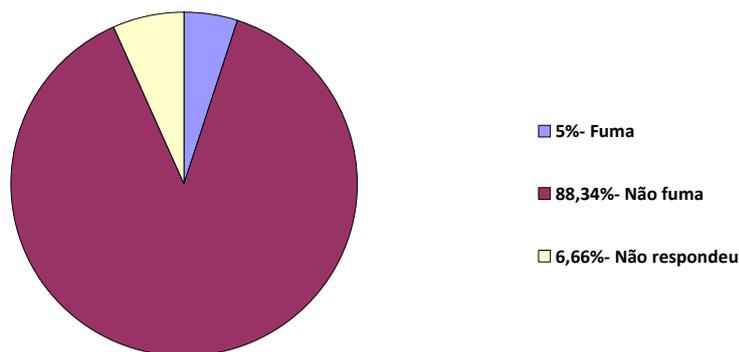


Fig. 2. Distribuição dos discentes de Enfermagem de acordo com hábitos tabagistas, UNIOESTE, 2012.

No entanto, Oliveira *et al.*, (2004) verificou que 93,1% não tinham o hábito de fumar na primeira série, 93% da segunda série, 91,3% da terceira série e 88,6% da quarta série mencionaram que iniciaram o hábito de fumar após o ingresso na faculdade, geralmente fumando em festas universitárias. Esse aumento de fumantes na graduação é totalmente contra o autocuidado que o acadêmico da área da saúde deveria exercer.

Na pesquisa sobre tabagismo entre discentes das faculdades públicas de Enfermagem, a maioria dos pesquisados, 85%, não adere ao tabagismo, entretanto, em 15% o cigarro prevalece sobre os prejuízos por ele ocasionados (BORGES *et al.*, 2004).

Ao se considerar a experiência ou não com o cigarro, verificou-se que mais da metade da amostra, 66%, mencionou não ter experimentado o cigarro, enquanto 25,8% citaram ter usado o cigarro e 8% não respondeu (Figura 3).

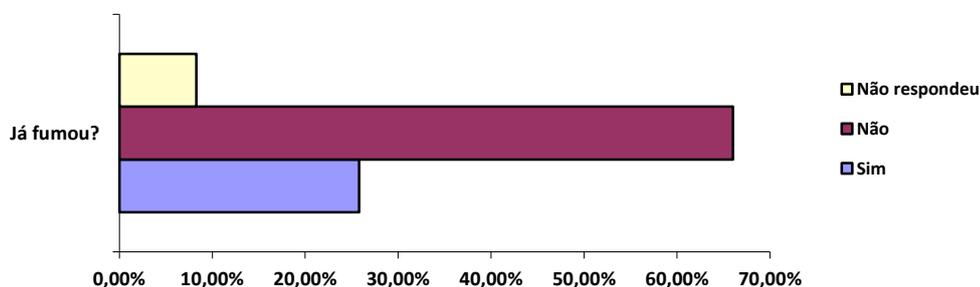


Fig. 3. Distribuição dos discentes de Enfermagem de acordo a experiência com cigarro, UNIOESTE, 2012.

Sawicki e Rolim (2004) verificaram que 20,4% dos graduandos já haviam experimentado o cigarro alguma vez durante a vida, contudo houve redução no número de discentes fumantes, indicando que apesar das experiências em relação ao cigarro, o número de fumantes nessa população está reduzindo, porém, alguns dos experimentadores podem ainda tornar-se fumantes, sobretudo, pelo momento de vida em que se encontram.

O hábito de fumar é um problema grave onde os níveis socioeconômicos são mais baixos, dentro desta população de baixa renda observou-se a necessidade de ações que atuassem na prevenção do início do vício na população jovem, na pesquisa comparou jovens de uma favela do Rio de Janeiro com alunos de graduação do curso de Biomedicina e a diferença foi espantosa, enquanto apenas 7,3% dos alunos de Biomedicina fumavam, na favela 60,9% dos jovens fumavam (VERJOVSKY *et al.*, 2011).

A maior parte dos discentes entrevistados, 42%, não consome bebida alcoólica, contudo 45% consomem quatro doses por semana ou duas doses por ocasião (padrão de baixo risco), 9% sete doses por semana ou três doses por ocasião (padrão de uso nocivo), 1% consome até dez doses por semana ou cinco doses por ocasião e outros 1% consomem mais de quatorze doses por semana ou mais de quatro doses por ocasião com grande chance de diagnóstico de dependência e 2% não respondeu (Figura 4).

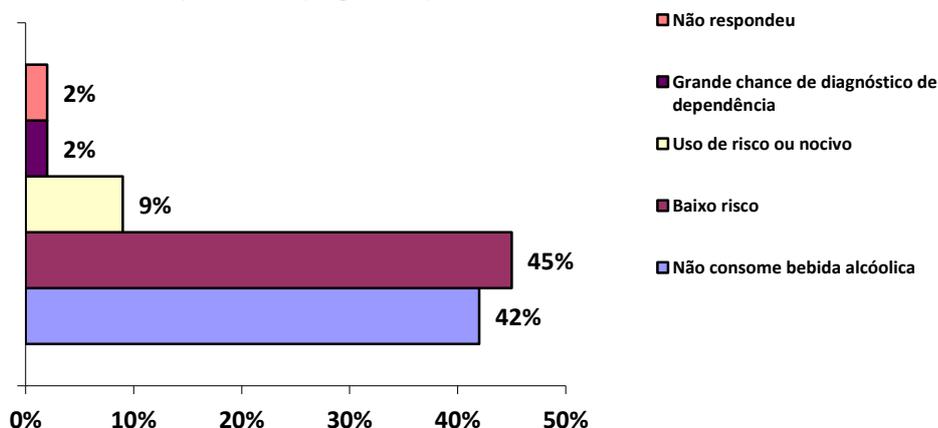


Fig. 4. Distribuição dos discentes de acordo com padrão de consumo de bebida alcoólica baseado no AUDIT- Teste para identificação de problemas relacionados ao uso de álcool, UNIOESTE, 2012 (BARBOR; HIGGINS-BIDDLE, 2004).

Oliveira *et al.*(2004) buscaram os padrões de ingestão de bebida alcoólica e 12,6% dos alunos não responderam à questão, enquanto a maioria ou não tinha este hábito ou bebia esporadicamente (43,4%), o autor preocupou-se com 2 discentes que referiram ingerir bebida alcoólica todos os dias e com 3,6% dos alunos que relataram beber todos os finais de semana.

Cerca 29% dos estudantes de outra pesquisa mencionaram que já haviam usado bebidas alcoólicas até o ponto de se embriagar, indicando que quase 1/3 deles já fizeram uso abusivo do álcool. O álcool foi responsável por 91% das internações hospitalares por dependências e 70% dos laudos feitos pelo Instituto Médico Legal (IML) por mortes violentas detectaram a presença de álcool nos cadáveres (GALDURÓZ, 2006).

O tabagismo e o etilismo são considerados hábitos que estão associados a outros comportamentos de morbidade, geralmente decorrente das pressões da vida moderna, a uma alimentação desequilibrada e a distúrbios de sono e lazer, contribuindo para doenças cardiovasculares ateroscleróticas e neoplásicas, na população jovem é maior a resistência aos cuidados de prevenção e ao abandono desses hábitos, como os discentes participantes da pesquisa (BREVIDELLI; CIANCIARULLO,2002).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O elevado número de acadêmicos que estão expostos aos fatores de risco pesquisados é elevado, principalmente no quesito atividade física, é notório que o discente precisa de um grupo de apoio que trabalhe nessas fragilidades, afim de minimizar os riscos e fortalecer a teoria com a prática, reforçando a educação em saúde.

É preciso perceber que o aluno enquanto graduando ainda não está sendo exposto a todos os fatores de risco que estarão expostos na sua vida profissional, imprescindível que nesta fase o aluno conscientize-se da necessidade de ter hábitos e atividades saudáveis, que melhorem e promovam a sua qualidade de vida.

Descritores: Estudantes de enfermagem; Educação em Saúde; Prevenção de doenças.

Autor principal: Bianca da Silva Alcantara Pereira

Endereço: Rua Paulo Afonso n. 29, Libra II, Foz do Iguaçu/PR. CEP: 85858-275.

REFERÊNCIAS

BARBOR, Thomas F; HIGGINS-BIDDLE, John C. **Manual de intervenção breve para indivíduos com problemas decorrentes do uso de álcool atendidos nos serviços de atenção primária**. WHO, Department of Mental Health na Substance Dependence. 2004.

BONITA, R.; BEAGLEHOLE, R.; KJELLSTRÖM, T. **Epidemiologia Básica**. 2. ed. São Paulo, 2010.

BREVIDELLI, Maria Meimei; CIANCIARULLO, Tamara I. Análise dos acidentes com agulhas em um hospital universitário: situações de ocorrência e tendências. **Revista Latino-Americana Enfermagem**. Ribeirão Preto, v. 10, n. 6. Dezembro. 2002.

CERCATO, C.; SILVA, S.; SATO, A.; MANCINI, M.; HALPERN A. Risco cardiovascular em uma população de obesos. **Arq Bras Endocrinol Metab**, São Paulo, v. 44, n. 1, Feb. 2000.

CARVALHO, G. I. ; SANTOS, L. Sistema Único de Saúde: comentários à Lei Orgânica da Saúde (Leis 8.080/90 e 8.142/90). 2. ed. São Paulo: Hucitec, 1995.

ECHER, I. C.; CORREA, A. P. A.; FERREIRA, S. A. L.; LUCENA, A. F. Tabagismo em uma escola de enfermagem do sul do Brasil. **Texto contexto - enferm.**, Florianópolis, v. 20, n. 1, Mar. 2011 .

GALDURÓZ, José Carlos Fernandes. Sistema para detecção do Uso abusivo e dependência de substâncias Psicoativas: Encaminhamento, intervenção breve, Reinserção social e Acompanhamento. **SUPERA**. 2006.

LESSA, S. S.; MONTENEGRO, A. C. Avaliação da prevalência de sobrepeso, do perfil nutricional e do nível de AF nos estudantes de medicina da Universidade de Ciências da Saúde de Alagoas – UNCISAL. **Revista Sociedade Brasileira Clinica Medica**, v.6, n.3, p.90-93. Maio-junho. 2008.

MARCONDELLI, P.; COSTA, T. H. M.; SCHMITZ, B. A. S. Nível de atividade física e hábitos alimentares de universitários do 3º ao 5º semestres da área da saúde. **Rev. Nutr.**, Campinas, v. 21, n. 1, Feb. 2008 .

MORAES, S. A. **Fatores de Risco para Doenças Crônicas não Transmissíveis, entre alunos de enfermagem de Ribeirão Preto-Brasil**. *Medicina*, Ribeirão Preto, v.33, p.312-321, jul./set. 2000.

NASCIMENTO, C. R. **O futuro cuidador: perspectivas e dilemas**. **Bioética**. Brasília: CFM, v. 14, n. 2, p. 153-157, 2006.

OLER, F. G.; JESUS, A. F.; BARBOZA, D. B.; DOMINGOS, N. A. M. Qualidade de vida da equipe de enfermagem do centro cirúrgico. **Arquivo Ciências da Saúde**, v.12, n.2, p.102-10. Abril/junho. 2005.

OLIVEIRA, Beatriz. Estudo aponta sedentarismo entre enfermeiros. **Jornal da Unicamp**. Universidade Estadual de Campinas. Campinas. 2011.

OLIVEIRA, Tatiana C; Soler, Zaida A. S. G. Estudo de morbidade referida entre alunos de graduação em enfermagem. **Arquivo de ciências da saúde**, v.11, n.3, p.163-168. Julho/setembro. 2004.

PAIXÃO, L. A.; DIAS, Ra. M. R.; PRADO, W. L. Estilo de vida e estado nutricional de universitários ingressantes em cursos da área de saúde do Recife/PE. **Revista brasileira atividade física e saúde**; v.15, n.3, jul.-set, 2010.

SAWICKI, W. C.; ROLIM, M. A. Graduandos de enfermagem e sua relação com o tabagismo. **Revista escola enfermagem USP**, v.38, n.2, p.181-189 Junho, 2004.

VERJOVSKY, M.; MACHADO, G.; RUMJANEK, V.; JURBERG, C. **Entre dois mundos: o tabagismo entre jovens**. XII REUNIÃO BIENAL DA REDPOP. São Paulo. 2011.

WHO. **Physical status: the use and interpretation of anthropometry**. Report of a WHO Expert Committee. WHO Technical Report Series 854. Geneva: World Health_Organization, 1995.